

profunda tristeza, é à hora do pôr do sol, quando o crepúsculo da tarde começa a lançar sobre a imensa vastidão do mar o véu das suas sombras. É bem então que o pescador se sente só e extremamente pequeno entre esses dois misteriosos e incomparáveis infinitos, o do mar imenso e profundo que se cava a seus pés e o do céu largo e grandioso para o qual êle dirige com fé a sua prece.

É na verdade a hora em que a vida do coração como que se aperta, em que a alma se recolhe e se concentra na doce emoção vaga e misteriosa, triste e indecisa que nos traz o desaparecer do dia.

É a hora melancólica do crepúsculo, a hora bemdita das Ave-Marias.

P. M. LARANJO COELHO.

Três inscrições

I. — Inscrição romana da Tornada (Caldas da Rainha)

Lê-se no *Diário de Notícias*, de 5 de Junho de 1910, que numa vinha do lugar da Tornada, concelho das Caldas da Rainha, apparecêra uma lápide com uma inscrição que (lápide & inscrição) no referido jornal se reproduz na figura adjunta.

«As letras pontuadas, diz o articulista, não são bem legíveis; as outras sim».

Esta lápide, que estava a 30 metros de profundidade, cobria parte de uma sepultura em que havia um esqueleto com o cranio voltado para o Poente.

Discussão da inscrição:

Linha 1. Podia no fim existir S, mas vê-se dô artigo que não falta nada.

Linha 2. A última palavra é o gentílico *Allio* (dativo); ou quem copiou se esqueceu de copiar o I, ou este está incluso no L, assim: L.

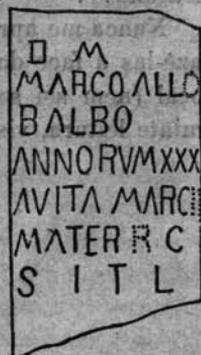
Linha 5. As últimas letras podem ser IF; ou será só I.

Linha 6. Em vez do segundo R deve ser F.

Linha 7. A 2.^a letra deve ser T.

Pelo que fica dito a transcrição é:

D(iis) M(anibus). Marco Allio Balbo, annorum 30, Avita Marci (filia) mater f(aciendum) c(uravit). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis)!



O que significa: «Aos deuses Manes. A Marco Allio Balbo, falecido na idade de 30 anos, mandou fazer esta sepultura sua mãe, de nome Avita, filha de Marco. A terra te seja leve!»

Segundo me informa o Sr. Eduardo Gonçalves Neves, illustre Director da Escola de Ceramica de Rafael Bordalo Pinheiro (Caldas da Rainha), a lápide guarda-se hoje no Museu da Figueira da Foz. Nesse Museu se pôde verificar se o texto o deixo ou não bem interpretado.

Por todos aqueles sitios a que pertence o local em que foi desenterrada a lápide se encontram a cada passo, como tambem me escreve o Sr. Gonçalves Neves, pedaços de tijolos, telhas e outras miudezas antigas: o que tudo denota vestigios de habitações.

II.—Inscrição romana de Santa Comba (Paredes)

Lê-se na *Monografia de Paredes*, circunstanciado trabalho do D.^{or} José do Barreiro (pseudonimo), Porto 1922, p. 520, que defronte da capela de Santa Comba, frêguesia de Sobreira, concelho de Paredes, ha dois pilares de granito, «apenas pousados na terra, e um d'elles tem gravada uma inscrição, em parte deteriorada, que não pude ler. A inscrição é esta:

CAIA?IAC

RV?FSFL

AVIF

S . F . C

CAIANDIAE

RV . VSFL

AVI . F

S . F . C

Os pontos de interrogação indicam letras apagadas. Que significa isto?».

Nunca me apraz fazer conjecturas epigraficas por cópias. Prefiro fazê-las á face das inscrições. Todavia, como não posso ir agora ao local (nem sei se indo eu resolveria o problema), proponho a seguinte leitura, visto que a inscrição não está bem copiada:

CALANDIAE¹

ou CALAETAE²

RVFVS FL

AVI . F

S . F . C

¹ Regulando-me pela 2.^a versão.

² Regulando-me pela 1.^a

Transcrição: *Calandiae*, vel *Calaetae*, *Rufus Flavi filius) s(ervae) f(aciendum) c(uravit)*.

Em português: «Flavió Rufo, filho de outro do mesmo nome, mandou fazer (este monumento) á sua serva Calandia, ou Caleta», isto é, á memoria d'ela. A inscrição é pois da classe das funerarias.

O nome *Calandia* não o conheço; mas como ha *Calandina* (vid. o *Tesouro* de Holder), nome manifestamente derivado por intermedio do sufixo *-ina*, podemos admitir como fórma primitiva *Calandia* (*Calandius*). Quanto a *Calaeta*, direi que o masculino *Calaetus* é conhecido na epigrafiá romana da Peninsula, e no nosso proprio territorio ha *Calaitus*, variante fonética de *Calaetus*: vid. *O Arch. Port.*, v, 253-254.

Apesar do que acima ponderei, creio que um exame cuidadoso da inscrição mostrará sem dúvida se nela está *Calandiae* ou *Calaetae*.

Como o nome da escrava, seja qual fór a sua verdadeira fórma, é ibérico, e o de seu senhor é puramente romano, temos nesta mistura onomastica um indicio de como se operava a romanização da Lusitania: não de uma vez, e violentamente, mas pouco a pouco, e com doçura (pois que um senhor não duvida exprimir numa pedra a saudade que lhe causa a morte de uma fiel escrava).

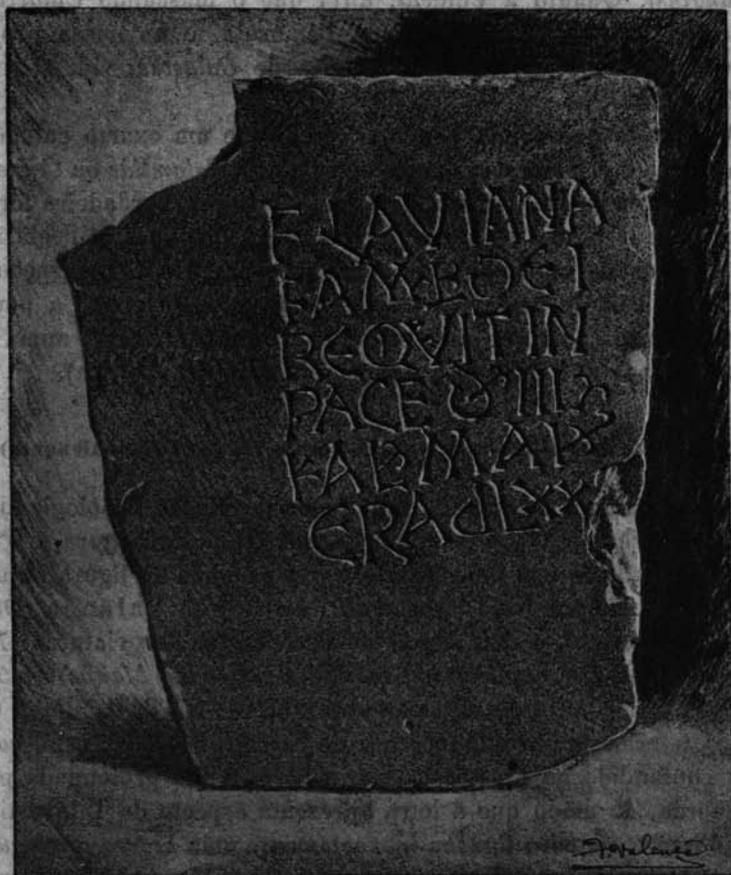
III. — Inscrição latino-cristiana, do seculo VI, dos Colos (Alenquer)

Com o número de entrada 6:672 está no Museu Etnologico uma tabula calcarea, de 0^m,34 de comprimento, 0^m,27 de largura, e 0^m,04 de espessura, que tem uma inscrição que se copia na figura adjunta o mais fielmente possível (desenho de Francisco Valença, Desenhador do Museu), e diz, depois de desfeitas as abreviaturas: *Flaviana, famul(a) Dei, requievit in pace d(ie) 3 kal(endas) Mai(as) era 570*.

O texto necessita de algumas observações: o *l* da 1.^a linha tem o traço inferior muito obliquo; o *u* de *famula*, isto é, *V*, está, como creio, confundido no *M*, e o *L*, tem a haste muito prolongada para a esquerda, de modo que a letra apresenta aspecto de *T* invertido; além d'isso o canteiro figurou inexactamente uma *hedera distinguens* entre o *M* e o *L* (embora haja exemplos de todas as letras de uma palavra de uma inscrição estarem separadas por pontos, esse não é o caso agora); em *req(u)ievit* o *I* está incluso no *Q*, e o *E* formado da haste esquerda do *V*; no fim da última linha, visto estar lascada aí a pedra, não se sabe se depois haveria mais alguma letra, e se a data, em vez de ser 570, seria 570 e tantos.— Com a fórma do *L* da 2.^a linha cfr. o que figura nas *Inscript. Hisp. Christ.*, de Hübner,

n.º 35, e com a maneira de escrever *fumula* cfr. igual palavra na mesma colecção, n.º 82.

Esta tabula appareceu no sítio de (ou dos) Colos, freguesia de Aldeia Gavinha, concelho de Alenquer, e adquiri-a para o Museu por intermedio do S.ºr Abreu Peixoto, de Lisboa, o qual me disse que a pedra apparecera no último quartel do sec. XIX, e que fôra o falecido José de Oliveira Neto, da Merceana, quem a salvára de ir servir de cantaria numa parede.



Ignoro se a inserção já foi publicada ou não em algum jornal ou livro; pelo menos, nas citadas *Inscriptiones*, de Hübner, não o foi. Esteja ela ou não inedita, a lapide tem muito valor pela sua data; por isso o S.ºr Abreu Peixoto prestou bom serviço ao Museu Etnologico, conseguindo que ela viesse para Belem.

J. L. DE V.